

A LUTA PELA LIBERDADE

KIRSTY MOSELEY

Tradução Lavínia Fávero



TÍTULO ORIGINAL *Fighting to be Free*

© 2016 by Kirsty Moseley

© 2016 Vergara & Riba Editoras S.A.

EDIÇÃO Paola Oliver

EDITORA-ASSISTENTE Natália Chagas Máximo

PREPARAÇÃO Luciana Soares da Silva

REVISÃO Juliana Bormio de Sousa

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Juliana Pellegrini

CAPA Elizabeth Turner

IMAGEM DE CAPA Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moseley, Kirsty

A luta pela liberdade / Kirsty Moseley ; tradução Lavinia

Fávero -- São Paulo : Vergara & Riba Editoras, 2016.

Título original: *Fighting to be free*.

ISBN 978-85-507-0065-6

1. Ficção erótica 2. Ficção norte-americana I. Título.

16-08034

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br

editoras@vreditoras.com.br

PRÓLOGO

Jamie

Existem momentos significativos na vida, que moldam a maneira como você se vê. Uma espécie de mudança na harmonia das coisas, um desequilíbrio. Momentos nos quais, ao olharmos para trás, é possível identificar exatamente quando as coisas mudaram, para melhor ou pior. Este era o meu momento. Estava tudo em suspenso. Tudo era incerto, indefinido, indeterminado.

Era minha segunda chance, minha oportunidade de sair da escuridão e ir para a luz. Eu estava lutando para me libertar dessa vida com cada célula do meu corpo, mesmo que isso acabasse me matando.

O problema é que isso não dependia de mim. Eu podia dar o meu melhor e, mesmo assim, não ser aceito. Talvez eu jamais seja bom o bastante. A sociedade tem seus ideais, e uma pessoa como eu não se encaixa em nenhum deles.

Vira e mexe, acontece alguma coisa que acende o desejo de ser a pessoa que você almeja, aquela pessoa melhor. Quando me liberei de tudo, arranquei todas as camadas sujas, machucadas e estragadas, só restou esperança. Esperança de uma vida melhor, de um futuro melhor. Esperança de ter outra oportunidade, nada mais.

De repente, esse fogo na boca do estômago faz um “e se” transformar-se em possibilidade. E se você jogasse seus ideais pela janela? E se deixasse para trás tudo o que sabe? E se o malvado pudesse ser o herói da história, só para variar?

Acho que, no fim, tudo se resume a isto: meu nome é Jamie Cole, e sou um assassino.

Respirei fundo e pisei, hesitante, na soleira da porta, deixando para trás aquele lugar ao qual jurei jamais voltar. Estava livre, finalmente, após ter ficado mais de quatro anos no reformatório juvenil.

Estava livre para recomeçar. Bem fundo em meu bolso, para não perder, tinha quase dois mil dólares: minha renda por ter trabalhado na cozinha enquanto cumpria minha sentença. Ao lado do dinheiro, estava o endereço da pensão que meu oficial da condicional havia arrumado para eu ficar, tipo uma casa de reabilitação para ex-presidiários de merda, um bloco de apartamentos, pelo que eu entendi.

Quando a porta começou a se fechar atrás de mim, entrei em pânico por um segundo, porque não tinha cem por cento de certeza de que queria ser livre. Mas foi aí que eu vi, lá fora, não o pátio de exercícios, o único “lá fora” que eu normalmente via, mas a liberdade. O sol de janeiro brilhava, não havia nenhum muro com arame farpado em cima, só uma vista aberta e clara de uma rua e um táxi amarelo parado a uns cem metros, obviamente esperando para me levar até minha casa nova. Uma animação misturada com nervosismo começou a apertar meu estômago.

Pus minha sacola no ombro, com minhas únicas posses: algumas peças de roupa e uma foto de Sophie, minha irmãzinha. À medida que fui dando os primeiros passos para longe do portão, meu coração quase saiu pela boca. Era estranho me afastar daquele lugar que havia sido o meu lar nos últimos anos. Fiquei esperando os alarmes tocarem e que alguém viesse me atirar no chão e me acertar com um cassetete. Ninguém apareceu. Andei depressa até o táxi. Não olhei para trás. Nunca mais olharia para trás. Aquele era o meu recomeço. Aquele lugar havia me salvado, e eu esperava que tivesse mudado minha vida e, pelo menos, me dado mais uma chance de lutar. Não queria voltar para a vida que levava antes de tudo aquilo acontecer, não podia mais viver daquele jeito. Estava determinado a mudar.

– Ei, Pirralho! – alguém gritou, bem na hora em que eu abri a porta do táxi.

CAPÍTULO 7

Jamie

Virei para trás e senti um aperto no coração ao ver uma figura conhecida sair de um Mercedes preto novinho em folha, estacionado do outro lado da rua, um pouco mais para a frente.

– Ed?

Eu não via o sujeito desde que fui preso e não queria vê-lo naquele momento.

Ed correu até mim, me abraçou e ficou dando tapinhas entusiasmados nas minhas costas.

– Que bom te ver – disse, todo feliz.

Ed não tinha mudado nada. Ainda era o mesmo cuzão puxa-saco e engomadinho.

– O que você está fazendo aqui? – perguntei, olhando em volta, nervoso. Não queria ser visto na companhia desse tipo de pessoa de novo.

– O chefe quer te ver.

Ed inclinou a cabeça na direção de seu carro, que estava a uns dez metros do táxi no qual eu queria desesperadamente entrar.

– Agora eu não posso, preciso fazer o *check-in* na pensão em que vou morar – recusei, tentando pensar numa desculpa melhor. Mas tinha certeza de que não ia adiantar nada. Se Brett Reyes queria me ver, me veria, estivesse eu consciente ou inconsciente.

Ed sorriu.

– O chefe quer te ver agora, Pirralho. Você pode ir para a sua casa nova depois – concluiu. Então se virou e andou na direção do carro, sem olhar para trás.

Fiz careta sem querer. Odeio que me chamem de Pirralho. Todos me chamavam assim quando comecei a trabalhar com Brett. Provavelmente porque, quando comecei a trabalhar para ele, eu era um pirralho mesmo. Tinha 11 anos a primeira vez em que fiz um serviço para aquele sujeito: jogar um envelope pardo cheio de dinheiro pela janela de uma viatura da polícia. Dinheiro de suborno. A polícia fechava os olhos para as atividades de Brett e, em troca, recebiam um belo pagamento. Perfeito.

Fechei os olhos e soltei um suspiro desanimado. Depois me abaixei e dei um sorriso envergonhado para o taxista.

– Desculpe, não vou precisar de seus serviços.

Não esperei a resposta, só bati a porta, fui atrás de Ed e sentei no banco do passageiro da Mercedes.

Fiquei enjoado. Não tinha como fugir daquela situação. Provavelmente, até o fim do dia não estaria mais vivo. O recomeço que eu tanto queria já era. Não veria nem o pôr do sol. Dizer que a minha vida era uma merda naquele momento seria o eufemismo do século.

Apoiei a cabeça no couro daquele assento caro e olhei pela janela, observando as ruas mudarem e ficarem mais “urbanas” à medida que nos aproximávamos de Nova York. Pelos meus cálculos, íamos em direção ao Queens, onde Brett costumava cuidar de seus negócios. Soltei um suspiro disfarçado e fiquei me perguntando por que tinha ousado ter esperança de que as coisas seriam diferentes. Brett não ia me deixar viver de jeito nenhum, eu sabia coisas demais sobre ele. O que eu sabia podia mandá-lo para a cadeia por vários

anos, mas jamais contaria nada. A promotoria me ofereceu uma delação premiada várias vezes quando fui preso: sentença menor, ir para um reformatório modelo, em vez do buraco para o qual me mandaram, até um empreguinho legal enquanto cumprisse minha pena. Mas jamais considerei a hipótese de me tornar testemunha de acusação e me virar contra Brett, nunca.

Uns quarenta minutos depois, paramos na frente do galpão onde tinha passado boa parte da minha adolescência. O lugar continuava igualzinho. Senti um aperto no estômago ao pensar no que iria me acontecer quando pisasse lá dentro. Apenas rezei para ser rápido e indolor. Achei que Brett, pelo menos, me respeitava a esse ponto.

– Anda, Pirralho. Vamos lá – Ed me apressou, saindo do carro.

O ruído dos rebarbadores e das soldas na oficina que funciona no galpão era uma música conhecida dos meus ouvidos. Passei muitas horas da minha infância ali, aprendendo a remover números de série e de chassis para que pudéssemos vender os carros que roubava sob encomenda. Eu era o melhor ladrão de carros da organização de Brett. As pessoas faziam encomendas, Brett encontrava os carros, e eu roubava. Facinho. Nunca chegaram nem perto de me pegar no flagra. Só que a gente não roubava qualquer carro velho, não: tinha que ser *top* de linha. Não passávamos a mão em nada que valesse menos de cem mil dólares.

– Ê, Pirralho. Há quanto tempo... – alguém falou.

Virei o rosto e vi Ray levantar a máscara de soldador. Foi ele quem me ensinou tudo o que sei sobre carros. Cheguei perto e lhe dei um abraço sem jeito, e ele ficou dando uns tapinhas afetuosos nas minhas costas.

– E aí, Ray? Como vão as coisas? – perguntei, olhando discretamente para o Porsche 911 que estava na rampa.

– Tudo ótimo. Tenho uma filha – respondeu, todo orgulhoso, tirando uma das grossas luvas de couro e passando a mão no cabelo castanho suado.

– Ah, fala sério. Parabéns!

– Obrigado. Ela se chama Tia. Está com 2 anos – vangloriou-se, dando um sorrisão.

Dei um tapinha em seu ombro. Ele sempre cuidou de mim, seria um ótimo pai.

– Isso é demais, cara, muito legal.

Ray merecia ser feliz. Era uma das melhores pessoas que já conheci.

– Valeu. Como é que você anda? – perguntou, passando os olhos em mim lentamente, por certo à procura de cortes e machucados.

Encolhi os ombros e respondi:

– Estou bem. Vou trocar uma ideia com Brett. Depois a gente se fala. De repente saímos para tomar uma...

Eu estava tentando me endireitar, não queria ter mais nada a ver com ninguém daquele mundo, mas Ray era uma exceção. Para mim, ele era como um irmão mais velho, e eu adoraria manter contato com ele. Bom, isso se eu sobrevivesse aos próximos minutos, o que era muito pouco provável.

– Com certeza. Vem cá, vou te dar meu telefone. Me liga que a gente marca. Já tem onde ficar? Pode ir lá para casa, morar comigo e Samantha, ela não liga. E aí você conhece a Tia – sugeriu, já anotando o número do telefone em um pedaço de papel e me dando.

Enfiei o papel no bolso e disse:

– Tranquilo, cara. Já tenho onde morar. Mas, mesmo assim, obrigado.

– Anda, Pirralho. Você sabe que o chefe não gosta de esperar – Ed gritou atrás de mim.

Dei um suspiro profundo, mais um abraço em Ray e fui atrás de Ed. Parecia que eu estava fazendo uma longa caminhada em direção à minha própria morte.

Subi a escada enquanto pensava na minha vida. Meus 18 curtos anos de vida. Desperdiçados. Um monte de merda. Por que eu me dava ao trabalho de me importar com ela? Para ser sincero, durante 15 desses anos eu quis morrer mesmo, então aquele resultado nem era tão ruim. Pelo menos eu não precisaria tentar mudar. Mudar seria difícil. Provavelmente, a coisa mais difícil que faria na vida. Talvez eu devesse dar graças a Deus por estar prestes a bater as botas.

Parei na frente da porta do escritório e fiquei esperando. Ed bateu na porta.

– Entra – Brett gritou lá do outro lado.

Meus ombros ficaram tensos ao ouvir sua voz grave e rouca. Ed sorriu e girou a maçaneta.

– Até mais, Pirralho. A gente tem que pôr a conversa em dia – comentou. Em seguida, abriu a porta e deu um tapinha em meu ombro.

– Sem dúvida, Ed. Pode crer – respondi, desconversando e revirando os olhos. Não consegui entender por que ele agia como se não soubesse o que ia me acontecer.

Segurei a respiração e me obriguei a ficar calmo. Passei os olhos pelo amplo escritório. Ainda era muito bem decorado, exatamente como eu me lembrava. A mesa de carvalho antiga e enorme ainda ocupava o lugar de honra, bem no meio da sala. Atrás dela, havia um monte de estátuas e vasos caros. Até as plantas em cima da mesa pareciam caras. Brett Reyes gostava do bom e do melhor, sempre gostou.

Ele ficou de pé atrás da mesa, com um terno cinza sob medida e caro, e me deu um sorriso afetuoso.

– Oi, Pirralho! Bom te ver – falou. Depois deu a volta na mesa e me abraçou com força.

– É... Bom te ver também – menti, tentando controlar o leve tremor da minha voz. Sabia como aquilo ia terminar e apenas rezei para o sujeito gostar de mim o bastante e fazer o que ia fazer de maneira rápida. Um belo tiro na cara ou, melhor ainda, na nuca, assim eu nem veria a bala.

Brett se afastou e sorriu de novo. Seus olhos azuis tinham uma expressão doce e simpática. Ele havia envelhecido bastante durante a minha ausência. Sua testa estava cheia de rugas, e seu cabelo loiro acinzentado havia ficado mais ralo. Apesar disso, não aparentava a idade que tinha. Brett devia ter bem uns 50 e muitos, mas todo mundo acha que ele estava com 40 e poucos.

– E então, como foi? – perguntou, segurando meu ombro com força.

– Foi tudo bem.

Olhei em volta e vi dois homens sentados no sofá que fica encostado em uma parede lateral da sala. O mais velho, de cabelo preto, não reconheci. Mas o outro eu sabia quem era, do reformatório: Shaun. Uma figura bem desagradável. Vi com meus próprios olhos ele transformar a vida de várias pessoas em um inferno durante o ano em que ficou lá dentro. Eu mesmo tive alguns desentendimentos com o sujeito, e o último acabou comigo socando a cara dele na mesa, pouco antes de ele ser solto. Tive que me segurar para não gemer.

– E aí, Shaun? – cumprimentei, tenso.

Brett deu um sorriso sarcástico e um tapão em meu ombro, então voltou para o outro lado da mesa.

– É, ouvi dizer que vocês dois tiveram uns probleminhas lá na cadeia – debochou, rindo. – Quem sabe precisam dar um beijinho para fazer as pazes?

Bufei e respondi:

– Esse sujeito pode beijar meu cu o quanto quiser.

E fiquei olhando para a cara de poucos amigos de Shaun. Ele levantou e ficou me olhando feio.

– Seu bostinha... Juro por Deus que vou...

Mas Brett o interrompeu, levantando a mão.

– Chega! Não quero que vocês dois briguem. Shaun, faz três anos que você trabalha aqui, conheço suas manhas. Pode acreditar, você não vai querer arrumar encrenca com o Pirralho – alertou.

Cerrei os dentes. Não queria brigar, mas sabia me defender se fosse preciso. Sempre cuidei muito bem de mim mesmo. Provavelmente porque aprendi a bloquear a dor. É claro que ainda a sentia, mas simplesmente não ligava. A dor fortalece, significa que você ainda está vivo. A dor pode ser sua amiga quando você acha que está morto por dentro.

Lancei um sorriso desafiador ao Shaun, provoquei o sujeito, queria vê-lo desobedecer as ordens de Brett. Ele me olhou com desdém, mas se sentou, e concentrei minha atenção em Brett.

– Então, Pirralho. Arrumei um apartamento para você. Achei que ia gostar de ter uns dias de folga para se readaptar antes de voltar ao trabalho, na sexta à noite – disse, remexendo a primeira gaveta da mesa. Ele pegou um molho de chaves, atirou na minha direção e completou: – Toma, tem dois quartos. A gente acerta o aluguel e o resto das coisas depois.

Coloquei as chaves sobre a mesa, sacudindo a cabeça, e respondi:

– Obrigado por ter todo esse trabalho por minha causa, Brett, mas não posso aceitar. Não quero mais fazer isso. Vou levar uma vida direita daqui para a frente.

Ele ficou visivelmente decepcionado com as minhas palavras.

– *Preciso* de você aqui, Pirralho. Ninguém puxa um carro como você.

Pela pulsação do músculo de seu maxilar, dava para ver que Brett estava ficando bravo.

– Desculpa, Brett, desculpa mesmo. Mas não tenho mais aquela motivação de antes. Não vou mais fazer esse tipo de merda – respondi, bem sério. Eu estava decidido. Das duas, uma: ou levava uma vida direita ou ele ia ter que me matar. Não precisava mais daquilo. Os motivos que tinha para levar aquela vida morreram no dia em que me tornei um assassino. Tudo mudou naquele dia: minha perspectiva de vida, minhas prioridades, tudo.

Brett deu um soco na mesa. As plantas sacudiram com a pancada, e o porta-lápis tombou, espalhando canetas por todo lado.

– Acha que pode simplesmente virar as costas e ir embora? Cuidei de você por três anos, eu te mostrei como o meu negócio funciona! Passei três anos te treinando, e você acha que pode virar as costas e ir embora, fácil assim? Não pode, não! – esbravejou. Sua voz alta ecoava entre as quatro paredes.

– Quero sair dessa vida, Brett. Só quero ser um cidadão de bem. Não quero fazer isso, me desculpa.

Sacudi a cabeça e olhei bem nos olhos dele, queria mostrar que não ia mudar de ideia.

Brett soltou um suspiro, o músculo de seu maxilar ficou tenso de novo, e aí ele fez um sinal com a cabeça para os dois sujeitos que estavam atrás de mim. Fechei os olhos e esperei a morte. Em perfeita sincronia, os dois puxaram meus braços para trás

e espremeram minha cara na mesa. Alguém apoiou o braço na minha nuca, dificultando minha respiração.

Não abri os olhos quando senti algo duro encostar nas minhas têmporas. Ouvi o clique da trava de segurança e fiquei esperando minha vida passar como um filme diante dos meus olhos. Aquela epifania que, dizem, você tem logo antes de morrer. Mas não vi nada, e a arma pressionou minha pele com mais força. Meu maxilar começou a doer.

– Você conhece as leis, Pirralho. Se quer sair, tem de *fazer por merecer*. Ainda está me devendo pelo tempo que investi em você – Brett rugiu, furioso.

Eu me obriguei a abrir os olhos e vi que ele é quem estava apontando a arma para mim, inclinado por cima da mesa, me olhando feio. Não me dei ao trabalho de tentar me soltar. De um jeito ou de outro, eu já estava morto mesmo, não ia ter como sair dali.

– Me mata logo, se você quiser, porque eu não vou fazer isso – falei, sacudindo a cabeça de um jeito bizarro.

– Não quero te matar, Pirralho. Você é incrível no que faz. O melhor que já vi. Seria um desperdício – Brett disse, com uma expressão esperançosa.

O braço na minha nuca apertou mais forte, tive que soltar um gemido e quase fiquei sem ar.

– Não! – falei, meio engasgado.

Brett uivou de frustração.

– Preciso que você faça um trabalho. São apenas cinco carros, uma noite. Só um trabalhinho, e você pode cair fora.

Só um trabalhinho? Será que a coisa ia parar por aí? A emoção de puxar carros era um barato viciante. Se eu começasse de novo, será que conseguiria parar? Não estava convencido disso.

– Não posso – respondi, ignorando o gosto metálico do meu

próprio sangue, porque tinha mordido a bochecha. Eu sabia o que ia acontecer, e não seria indolor.

Mas, em vez da morte lenta e brutal que eu havia imaginado, Brett tirou a arma da minha cabeça e deu um passo para trás.

– Você devia pensar na sua mãe, Pirralho. Ela está péssima. Perder a filha daquele jeito, assassinada. Ver o filho parar na cadeia. Ela meio que bateu o pino. Tenho cuidado dela para você. Seria uma pena se algo terrível acontecesse com a sua mãe depois de tudo o que ela passou.

E aí Brett encolheu os ombros, todo casual, como se estivesse falando do clima.

“Por acaso o filho da puta está ameaçando a minha mãe?”

Me sacudi, consegui soltar um dos braços e tentei me levantar. Mas, antes que minha tentativa surtisse resultado, me jogaram de novo contra a mesa, com força.

– Nem ouse, caralho! – gritei, revoltado.

Brett deu uma risadinha.

– Eu gosto dela, Pirralho. Gosto mesmo. Não quero ser obrigado a fazer mal à sua mãe. Só mais um trabalhinho, e deixo sua mãe em paz – barganhou.

Espremi os olhos. Por mais que eu odiasse aquela mulher, ela ainda era, no fim das contas, a minha mãe e não queria que sofresse. Principalmente o tipo de sofrimento que eu já tinha visto Brett infligir a tantas pessoas.

Meio sem jeito, balancei a cabeça, concordando. O ar voltou a preencher meus pulmões, e fiquei de pé outra vez, porque alguém me puxou para cima pela camiseta. Shaun me deu um sorriso maligno e um tapinha na cabeça.

– Bom menino – debochou, de um jeito condescendente.

Cerrei os dentes, tentando ficar sem reação.

Brett bateu palmas e esfregou as mãos animado.

– Ótimo! O trabalho será daqui a três dias. Olha, pega este celular que vou te ligar para passar os detalhes, já deixei tudo certinho. E fica com o apartamento também – ordenou. Depois jogou o celular e as chaves em cima da mesa.

Peguei o celular e enfiei no fundo do bolso da minha calça jeans.

– Já tenho onde ficar. Combinamos que eu só faria um trabalho, não preciso do apartamento. Obrigado, mesmo assim – falei, tentando ser educado quando, na verdade, queria era trucidar o desgraçado.

– Tudo bem, Pirralho. Você é que manda.

Quando me virei para ir embora, vi Shaun me dar um sorrisinho afetado e arrogante. Sem me dar conta, levantei o braço e dei um soco no meio da cara dele. O “créc” que o nariz dele fez ao quebrar me deu tanta satisfação que não controlei o sorriso. O sangue começou a jorrar imediatamente de suas narinas. Ele berrou, chocado, e pôs a mão no nariz para tentar estancar o sangue.

– Nunca mais encosta em mim. Bom menino meu cu – gritei, raivoso, repetindo suas palavras. Me virei, fui desfilando até a porta e saí, ignorando as gargalhadas de Brett.